

Imigrantes açorianas e o imaginário da mulher gaúcha

Azorean immigrants and the imaginary of the gaúcho woman

Letícia Vieira Braga da Rosa*

<https://orcid.org/0000-0002-5420-5322>

Claudia Schemes**

<https://orcid.org/0000-0001-8170-9684>

Resumo

A presença das mulheres açorianas no processo de imigração é o tema deste artigo, que compara o modo como cronistas, viajantes e historiadores se referiram às imigrantes que vieram dos Açores para o sul do Brasil no século XVIII. À luz de Maffesoli (2001), Perrot (2007) e Pesavento (1995), o objetivo é descrever como a mulher açoriana foi representada, inspirando a formação do imaginário da mulher gaúcha. A investigação aponta que, ao centrar-se no aspecto épico da saga migratória, o papel da mulher açoriana foi obscurecido ou idealizado, produzindo uma descrição generalista e estereotipada: santas, belas, virtuosas, recatadas, trabalhadoras, de notável fecundidade e digna submissão. Entre os resultados, conclui-se que essa abordagem restritiva, distorcida, patriarcal e machista ocasionou um processo de criação mítica que imobiliza a figura da mulher sul rio-grandense em um modelo imaginário: a mulher gaúcha.

Palavras-chave: Açorianas. Imaginário. Representações. Migração.

Abstract

The presence of Azorean women in the immigration process is the theme of this article, which compares the way in which chroniclers, travelers and historians referred to immigrants women who came from the Azores to the south of Brazil in the 18th century. In the light of Maffesoli (2001), Perrot (2007) and Pesavento (1995), the objective is to describe how the Azorean woman was represented, inspiring the formation of the gaúcho woman's imaginary. The investigation points out that, by focusing on the epic aspect of the migratory saga, the role of the Azorean woman was obscured or idealized, producing

* Mestra em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Feevale. E-mail: leticiarosa@feevale.br

** Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. E-mail: claudias@feevale.br

a generalist and stereotyped description: holy, beautiful, virtuous, demure, hardworking, remarkable fertility and dignity submission. Among the results, the study concluded that this restrictive, distorted, patriarchal and sexist approach, caused a mythical creation process that immobilizes the figure of the woman from Rio Grande do Sul in an imaginary model: the woman from Rio Grande do Sul.

Keywords: Azorean. Imaginary. Representations. Migration.

Introdução

A imigração açoriana para Rio Grande do Sul teve início a partir do edito real de 1746, de D. João V, rei de Portugal. O documento estabelecia o programa de colonização do sul do Brasil com moradores do Arquipélago dos Açores, determinando o transporte de casais açorianos, que ficaram conhecidos como “Casais d’El Rey”. Em troca de guardar e defender o território português, cada casal receberia terras, ferramentas, alimentação e ajuda de custo ao chegar no Brasil.¹

Entre os documentos que determinam as regras da viagem, o Regimento de 5 de agosto de 1747 apresentava as instruções para o transporte dos casais das Ilhas para o Brasil,

por ser conveniente acautelar as desordens que costumam suceder em viagens largas, particularmente nos navios em que se transportam mulheres, e ser justo que os que levam neles as suas famílias tenham a consolação de ver, que se dão todas as providências necessárias, para que elas sejam conduzidas com toda a honestidade e recato.²

Apesar de visar sua proteção, tais determinações enclausuravam mulheres e crianças menores de 7 anos em câmaras chaveadas, onde nenhum homem tinha permissão de entrar, exceto, em casos de doença, o cirurgião ou o capelão. Trancadas durante o maior tempo do percurso, enjauladas como se fossem prisioneiras, as mulheres só saíam ao convés para ir à missa e, mesmo nessas ocasiões, ficavam sob escolta armada, não podendo conversar com os

¹ EDITAL publicado nas ilhas dos Açores relativo ao transporte de colonos. AHU_ACL_021, Cx. 1, D. 46, p. 18. Projeto Resgate - Santa Catarina. Disponível em http://resgate.bn.br/docreader/021_SC/353. Acesso em 3 jul. 2021.

² REGIMENTO que se há de observar no transporte dos Casais das Ilhas da Madeira e dos Açores para o Brasil. 5 de Agosto de 1747. AHU_ACL_CU_021, Cx. 1, D. 36, p. 21. Projeto Resgate - Santa Catarina. Disponível em http://resgate.bn.br/docreader/021_SC/246. Acesso em 3 jul. 2021.

maridos ou os filhos sem a licença e a presença do capitão do navio. Falar com uma mulher não tendo com ela parentesco ou sem a referida licença, ou cometer qualquer ato que pudesse ser visto como abuso, gerava sanções diversas, como diminuição da ração, prisão ou reclusão em ferros, conforme a gravidade do caso.³

A viagem transatlântica era longa e desconfortável, transportando um número excessivo de passageiros. Alimentos escassos, umidade e falta de água e de higiene levavam a muitas doenças, como febre, infecções, pneumonia e escorbuto, sendo que muitos morriam e seus corpos eram jogados ao mar. Os que chegavam, desembarcavam enfermos, em um estado deplorável.^{4,5}

As dificuldades continuavam mesmo depois da travessia, pois muitos doentes morriam logo depois do desembarque, na ilha de Santa Catarina. Nos primeiros anos, os imigrantes eram assentados na própria ilha e, a partir de 1751, as famílias que desembarcavam com condições de suportar mais dias de viagem eram transportadas para a colônia de Rio Grande de São Pedro, atual município de Rio Grande.⁶

A partir dessa travessia, que dá origem ao processo de ocupação e povoamento do Rio Grande do Sul, este artigo tem, como foco, os primeiros estudos sobre a migração açoriana no Rio Grande do Sul e o modo como cronistas, viajantes e os primeiros historiadores gaúchos se referiram às imigrantes açorianas. Por meio de uma análise interdisciplinar, à luz de Michel Maffesoli,⁷ Michelle Perrot⁸ e Sandra Jatahy Pesavento,⁹ o objetivo é descrever como a

³ Ibid.

⁴ ALMEIDA, Eduardo de Castro e (org.). Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar de Lisboa. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, 1928, Volume L. Rio de Janeiro: Bibliotheca Nacional, 1936. Disponível em http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1928_00050.pdf. Acesso em 21 jun. 2019.

⁵ VILHENA, Maria da Conceição. A viagem do emigrante açoriano para o Brasil em meados do século XVIII. In: PIAZZA, Walter F. (org.). *Anais da 2ª. Semana de Estudos Açorianos*. 10 a 14 de agosto de 1987. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.

⁶ QUEIROZ, Maria Luiza Bertolini. *Paróquia de São Pedro do Rio Grande: estudo de história demográfica*. Curitiba, 1992. 416 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27164/T%20%20QUEIROZ,%20MARIA%20LUIZA%20BERTULINI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 19 dez. 2018.

⁷ MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. *Revista Famecos*, Porto Alegre, Edipucrs, v. 8, n. 15, p. 75-81, 2001. p. 79.

⁸ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo, Contexto, 2007.

⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: Imaginando o Imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Contexto/ANPUH, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

mulher açoriana foi representada, inspirando a formação do imaginário da mulher gaúcha.

A análise tem, como foco, os primeiros estudos sobre a imigração açoriana no Rio Grande Sul, a partir de Alcides Cruz, João Borges Fortes, Alfredo Varela e João Cezimbra Jacques, bem como o relato dos cronistas dos Açores, como Pe. Gaspar Frutuoso e Accurcio Garcia Ramos, e de viajantes que percorreram estas terras nos anos de 1750 e 1822, como Francisco Ferreira de Sousa e Auguste Saint-Hilaire.

Aspectos metodológicos

Os estudos sobre imaginário estão ligados a pesquisas norteadas pela sociologia compreensiva, na linha de Maffesoli, que busca compreender (e não explicar) os fenômenos. Por esse motivo, não se encontra um conceito definido, preciso, sobre esse termo, pois “a tentação do conceito, do rigor cartesiano, levou vários intelectuais a noções rígidas de imaginário, quando a sua força consiste no oposto, na maleabilidade, numa certa imprecisão”.¹⁰

Embora sem rigidez conceitual, a noção proposta por Maffesoli, alinhada a Gilbert Durand¹¹ e Gaston Bachelard,¹² descreve o imaginário como algo imponderável e, ao mesmo tempo, impalpável e real. “Entre o racional e o irracional existe o não-racional: o imaginário, o emocional, os sentimentos, o sensível, as fantasias, o sonho, tudo o que constitui a vida psíquica das pessoas”.¹³

Pesavento também assinala a questão da definição conceitual de imaginário, observando que, ao invés de um conceito definido, sua força reside precisamente em sua imprecisão. Fluidez, visão de mundo, mentalidade; essa noção vaga, ambígua e inquietante é apontada por Jacques Le Goff¹⁴ como o principal atrativo e vocação: capaz de designar os resíduos, “os não sei quê da história”. O mesmo autor ressalta o empenho dos historiadores em dar um conteúdo mais definido à noção de imaginário e aponta, como base, a noção de representação. Enquanto sistema de ideias-imagens, o imaginário

¹⁰ MAFFESOLI, op. cit. p. 79.

¹¹ DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

¹² BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

¹³ MAFFESOLI, Michel. Por uma política da transfiguração. *Revista Famecos*, Porto Alegre, Edipucrs, v. 6, n. 10, p. 17-23, 1999. p. 20.

¹⁴ Apud PESAVENTO, op. cit. 1995, p. 13.

dá significado à realidade, participando, assim, da sua existência “logo, o real é, ao mesmo tempo, concretude e representação”.¹⁵ Imaginário, representação e realidade passam a ser relacionados não como processos distintos, mas coexistentes:

O imaginário faz parte de um campo de representação, e como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade. Mas imagens e discursos sobre o real não são exatamente o real ou, em outras palavras, não são expressões literais da realidade [...] ou seja, no domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm um outro sentido além daquele manifesto. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um “outro” ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente.¹⁶

Imaginário, enquanto representação, manifesta uma expressão da realidade, não devendo ser tomado como totalidade nem em oposição ao real, como fantasia. Juremir Machado da Silva,¹⁷ a partir de Maffesoli,¹⁸ observa que o imaginário não deve ser visto como oposição ao real, ao verdadeiro, nem como mera ficção ou algo sem consistência, mas como uma trama, uma fabulação, uma teia narrativa inacabada, construção coletiva de imagens, valores, sensações, lembranças e afetos partilhados que impulsiona indivíduos e grupos, estabelece vínculos e sinaliza estados de espírito. “O imaginário é determinado pela ideia de fazer parte de algo. Partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma ideia de mundo, uma visão das coisas, na encruzilhada do racional e do não-racional”.¹⁹

Assim, ao pesquisar a formação de imaginários sobre a mulher gaúcha, adota-se, como base teórica, autores da sociologia e da história, à luz da Sociologia Compreensiva de Max Weber,²⁰ que sugere compreender os fenômenos históricos com base no relato dos indivíduos e suas ações sociais. O autor recomenda que não se procure o geral, o comum, o oficial, mas sim o particular, as trajetórias singulares que compõem a realidade cultural que se quer conhecer.

¹⁵ Ibidem, p. 16.

¹⁶ Ibidem, p. 15.

¹⁷ SILVA, Juremir Machado da. *As Tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

¹⁸ MAFFESOLI, op. cit., 2001.

¹⁹ MAFFESOLI, op. cit., p. 80.

²⁰ WEBER, Max. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1979.

Com essa abordagem, procura-se entender os movimentos e transformações coletivas, evitando o paradigma tradicional da história. De acordo com Peter Burke,²¹ a forma de história tradicional, concentrada nos grandes feitos dos grandes homens, oferece uma “visão de cima”, destinando um papel secundário a todo o resto da humanidade. Segundo Pedro,²² nessa antiga forma de escrever a história, que dava destaque a personagens masculinos, que tinham de alguma forma participado dos governos e/ou de guerras, não havia lugar para as mulheres. Desse modo, ao longo da história, as mulheres não eram consideradas sujeitos dignos de registro pela historiografia, já que seus papéis eram, na maioria das vezes, restritos à vida privada.

Pedro²³ observa, ainda, que das raras vezes em que as mulheres eram incluídas, estavam carregadas de estereótipos, com análises que reforçavam mitos de santidade ou malvadeza. “Nesta forma de escrita da história, baseada principalmente em fontes narrativas oficiais, não pode haver lugar para a categoria ‘gênero’, mas apenas para a categoria ‘mulher’, pensada sob o aspecto de categoria universal”.

Afastando-se da pesquisa histórica centrada na vida de personalidades famosas, heróis ou figuras que apresentavam o comportamento esperado de sua época, Levi²⁴ propõe buscar os indícios do passado em diversas fontes documentais, procurando observar como “os grupos e as pessoas atuam com uma própria estratégia significativa capaz de deixar marcas duradouras na realidade”. Nessa linha, Pesavento²⁵ sugere a estratégia do historiador que recolhe fragmentos em discursos que falam do passado, não se atendo somente à história oficial, mas investigando as manifestações e acontecimentos singulares que quebram a rotina da vida urbana. Pedro²⁶ aponta as dificuldades desta nova historiografia, visto a ausência de fontes ou invisibilidade das mulheres nos documentos existentes, propondo “buscar as minúcias, de ler nas entrelinhas, de garimpar o metal precioso das fontes em meio a abundante cascalho”.

²¹ BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 12.

²² PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p.77-98, 2005. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>. Acesso em 19 set. 2021.

²³ *Ibidem*, p. 84.

²⁴ LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 45.

²⁵ PESAVENTO, op. cit., 1995.

²⁶ PEDRO, op. cit., 2005, p. 85.

Para Jenkins,²⁷ muitas informações sobre o passado não foram registradas ou foram silenciadas por vozes dominantes, “seja pelo exercício explícito de poder, seja pelo ato velado de inclusão e/ou anexação.”²⁸ Entre os grupos omitidos dos relatos da história, o autor aponta as mulheres, “escondidas da história, ou seja, sistematicamente excluídas da maioria dos relatos de historiadores”, o que têm exigido à historiografia a tarefa de “fazer as mulheres voltarem para a história”,²⁹ confrontando relatos, buscando as marcas que sobraram do passado e organizando todos esses vestígios:

São uma mistura de vestígios conhecidos, mas pouco usados; vestígios novos, não-utilizados e possivelmente desconhecidos; e vestígios velhos, ou seja, materiais que já foram usados, mas que, em vista dos vestígios novos e/ou quase novos descobertos, são agora passíveis de inserção em contextos diferentes daqueles que ocupavam antes.³⁰

Adotando esse delineamento, o objetivo deste artigo é descrever como a mulher açoriana foi representada, inspirando a formação do imaginário da mulher gaúcha, através da exploração das narrativas dos primeiros historiadores e cronistas, considerando que, embora seus relatos não sejam especificamente sobre as mulheres, tangenciam este grupo e ajudam a pensar no seu papel como agentes históricos naquela sociedade.

Cabe, aqui, observar o potencial da crônica e seu valor documental para o fazer histórico. Evitando a dicotomia entre história-verdade-ciência e crônica-arte-ficção, Pesavento³¹ destaca a crônica como “uma narrativa de fronteira, mas fronteira enquanto modalidade ficcional na reconfiguração de um tempo.” Abarcando a percepção sobre os fatos e a capacidade imaginária de recriação da realidade e reconstrução do mundo, o cronista tem, como fonte de inspiração, o tempo vivido, as preocupações de sua época ou aquilo que mais lhe chama a atenção, descrevendo o cotidiano ou fatos excepcionais. Por ser próprio da crônica o registro do banal, daquilo que passa despercebido, mas que, pelo relato, recebe um destaque, a crônica é um registro sensível com “capacidade ou potencialidade ficcional de expressar o invisível, o implícito, o

²⁷ JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 31.

²⁸ *Ibidem*, p. 43.

²⁹ *Ibidem*, p. 26.

³⁰ *Ibidem*, p. 46.

³¹ PESAVENTO, Sandra Jatayh. Crônica: fronteiras da narrativa histórica. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 8, n.10, p. 61-80, 2004. p. 64. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/0B1tQ2XAFcIGdOH14T0RzUH-JzdTA/view>. Acesso em 8 jul. 2020.

imperceptível, de revelar o não dito, de descobrir novas verdades da vida, de expor/escondendo o que não encontraria expressão escrita de outra forma”.³²

Ao utilizar a crônica como fonte documental, o historiador pode encontrar pistas sobre o tempo narrado, os valores, emoções e razões que ordenavam aquele dado momento da história. Com as crônicas, o historiador pode observar como as pessoas, “ao longo da sua história, foram capazes de inventar o passado e imaginar o futuro, sempre para explicar o presente, rompendo as fronteiras do tempo”.³³

Considerando essa perspectiva interdisciplinar, parte-se para a análise do modo como as mulheres açorianas foram descritas pelos cronistas dos Açores, como Pe. Gaspar Frutuoso³⁴ e Accurcio Garcia Ramos³⁵ e pelos viajantes que percorreram as terras gaúchas entre os anos de 1750 e 1822, como Francisco Ferreira de Sousa³⁶ e Auguste Saint-Hilaire.³⁷ Entre os primeiros historiadores do Rio Grande do Sul, foram analisados os textos de Alcides Cruz,³⁸ João Borges Fortes,³⁹ Alfredo Varela^{40,41} e João Cezimbra Jacques.⁴²

Elegantes e formosas: a adjetivação dos cronistas açorianos

Os primeiros estudos sobre a migração açoriana no Rio Grande do Sul foram marcados por uma narrativa linear, que exaltava o heroísmo dos açorianos, como a gênese sob o qual foi construído o mito do gaúcho corajoso, destemido e honrado. Ao comparar a historiografia do século XX sobre a

³² Ibidem, p. 68.

³³ Ibidem, p. 79.

³⁴ FRUTUOSO, Gaspar. *Saudades da terra*. Livro VI. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta, 1998.

³⁵ RAMOS, Accurcio Garcia. *Notícia do Archipelago dos Açores e do que ha mais importante na sua historia natural*. Lisboa: Typographia universal, 1871. p. 194-195. Disponível em <https://play.google.com/books/reader?id=gutCAAACAAJ&pg=GBS.PP1>. Acesso em 15 ago. 2019.

³⁶ SOUZA, Francisco Ferreira. Descrição à viagem do Rio Grande. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. *Textos do Século XVIII para o Estudo da Ocupação Lusitana no Brasil Meridional*. Lisboa/Rio Grande: CLEPUL/Biblioteca Rio-Grandense, 2016. Disponível em http://www.lusosofia.net/textos/20161023-francisco_das_neves_luiz_henrique_torres_2016.pdf. Acesso em 8 jun. 2021.

³⁷ SAINT HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

³⁸ CRUZ, Alcides. *Vida de Raphael Pinto Bandeira: ligeiras notas esparsas para a biographia do herôe continentino*. Porto Alegre: Livraria Americana, 1906.

³⁹ FORTES, João Borges. *Casaes*. Rio de Janeiro: Edição do Centenário Farroupilha, 1932.

⁴⁰ VARELA, Alfredo. *Revoluções cisplatinas: a república riograndense*. Volume 2, Parte 1. Chardron, 1915.

⁴¹ VARELA, *História da grande revolução*. Volume 1. Porto Alegre: Globo, 1933.

⁴² JACQUES, João Cezimbra. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia, 1912.

colonização açoriana do Rio Grande do Sul e as crônicas e documentos do século XVIII e início do século XIX a respeito da presença açoriana no Rio Grande do Sul, Beatriz Vasconcelos Franzen⁴³ aponta que os historiadores sul-rio-grandenses desse período traçaram um retrato ideal sobre os açorianos.

Segundo Alfredo Bosi,⁴⁴ esse aspecto também pode ser relacionado à influência do ideário positivista no sul do Brasil na mentalidade dos historiadores gaúchos até 1930. Também Moacyr Flores⁴⁵ discute a influência liberal e positivista na formação do mito gaúcho como uma raça superior de origem açoriana. Ignorando a existência dos povos originários e a influência de outras etnias na formação do sul do país, “criaram e cultivaram o mito açoriano, ‘raça’ destinada a criar uma ‘nova raça’, com altos princípios morais de ordem, amor à liberdade, culto à honradez, caráter forte, destemor e respeito pela verdade”.⁴⁶

Ao discutir as relações sociais das sociedades de intercâmbio social, como é o caso dos grupos migratórios, Weber⁴⁷ destaca que a existência da crença em uma comunidade de procedência está relacionada aos interesses de prestígio e honra que podem ser estendidos aos que “pertencem à comunidade de origem subjetivamente imaginada”. Nesse mesmo sentido, Pesavento⁴⁸ afirma que é característico dos povos buscar uma ligação em termos de origem, que certifique a afirmação de um processo de identidade. “Todo ato fundador tende à sacralização. Assim, nascem os ‘mitos de origens’.” A ideia da saga dos açorianos como pioneiros, ressaltando seu passado heroico, suas dificuldades e poder de adaptação, contribui para construir sentimentos de identidade e pertencimento para um grupo específico.

Para Pesavento,⁴⁹ a historiografia sul-rio-grandense, com forte influência positivista, construiu uma visão sobre o passado no qual a mulher é

⁴³ FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. Açorianos no Rio Grande do Sul: a identidade açoriana nas obras de cronistas, viajantes e historiadores sul-riograndenses. *Arquipélago. História*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, v. 7, p. 123-142, 2003. p. 125. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.3/385>. Acesso em 8 jun. 2019.

⁴⁴ BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia das letras, 1992. p. 277.

⁴⁵ FLORES, Moacyr. *República Rio-Grandense: realidade e utopia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 57.

⁴⁷ WEBER, op. cit., p. 272.

⁴⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: Visões literárias do urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 245.

⁴⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Mulheres e História: A inserção da mulher no contexto cultural de uma região fronteiriça (Rio Grande do Sul, Brasil). *Revista Travessia*, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, n. 23, p. 54-72, 1991. p. 58. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/171101/15647>. Acesso em 7 out. 2020.

praticamente excluída, pois, para Comte, a mulher deveria ser “fonte suavizadora de conflitos” de uma região fortemente conflituosa, além de ser “inapta ao trabalho”. Ela deveria ser a responsável pelo lar e pelos filhos, portanto, estava fora da esfera política ou pública e restrita ao espaço doméstico. Assim, “[...] a historiografia oficial gaúcha compunha a imagem de um passado essencialmente masculino, linear e heroico, adequado a uma sociedade onde os homens ditavam as leis e ocupavam os cargos de mando”.

Essa invisibilidade não é exclusiva da história da colonização açoriana. Perrot⁵⁰ elenca a generalização e a falta de fontes como dificuldades para escrever a história da existência concreta das mulheres, que são apresentadas coletivamente, destacando seu papel e posição familiar: “No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra”. Quando aparecem no espaço público, são vistas em massa ou em grupo, o que “corresponde quase sempre a seu modo de intervenção coletiva: manifestam-se na qualidade de mães, de donas-de-casa, de guardiãs dos víveres etc. e usam-se estereótipos para designá-las e qualificá-las”.⁵¹

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. [...] Ocorre igualmente uma autodestruição da memória feminina. Convencidas da sua insignificância, estendendo à sua vida passada o sentimento de pudor que lhes havia sido inculcado, muitas mulheres, no caso de sua existência, destruíam — ou destroem — seus papéis pessoais. Queimar papéis, na intimidade do quarto, é um gesto clássico da mulher idosa. Todas essas razões explicam que haja uma falta de fontes não sobre as mulheres nem sobre a mulher, mas sobre sua existência concreta e sua história singular.⁵²

Considerando essa situação da mulher francesa, descrita por Perrot, Franzen⁵³ acrescenta: “o que dizer do mundo para onde a mulher açoriana foi conduzida junto com seu marido e familiares – Os Casais – nos meados do

⁵⁰ PERROT, op. cit., p. 22.

⁵¹ Ibidem, p. 21.

⁵² PERROT, op. cit., p. 21-22.

⁵³ FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. *A presença da mulher luso-açoriana na nascente sociedade sul-rio-grandense*. Pronunciamento no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 25 nov. 2008. Disponível em <http://ihgrgs.org.br/artigos/membros/Beatriz%20Franzen%20-%20A%20Presença%20da%20Mulher%20Luso-Açoriana.pdf>. Acesso em 8 jun. 2019.

século XVIII, as terras do RGS. Desta mulher, praticamente, nada ficou, pois ela não sabia ler, nem escrever”.

Desconhecida, ausente, oculta, envolva nas névoas: assim Franzen⁵⁴ refere-se à presença da mulher luso-açoriana na nascente sociedade sul-rio-grandense. “Quando buscávamos dados sobre ela, nada encontrávamos. Nas obras de nossos historiadores do início do século XX há pequenas informações que, muitas vezes, têm como fonte os cronistas que pelo Rio Grande do Sul passaram nos fins do século XVIII e inícios do século XIX”. Entretanto, é justamente a falta de conhecimento sobre essas imigrantes que instiga a investigação: “Ainda é muito pouco o que sabemos sobre essa mulher. O desafio de saber mais a seu respeito é um estímulo para continuarmos a pesquisar”.⁵⁵

Como dar voz às açorianas que imigraram para o Rio Grande do Sul? A partir de Perrot,⁵⁶ a resposta é evitar as narrativas românticas e buscar os registros da época, descrevendo o modo de vida e as relações culturais estabelecidas nesses primeiros tempos. Entretanto, mesmo esses documentos oferecem uma visão restrita, parcial e desfocada de suas histórias, pois são escritos por homens, desde seu lugar de poder até a visão e os costumes do século XVIII. Entretanto, apesar de as fontes serem escassas e que a história seja, na maior parte das vezes, escrita pelos homens, a reconstrução da trajetória feminina não é impossível. Segundo Albertina de Oliveira Costa,

O problema está menos nas fontes, que por natureza são opacas, do que nas perguntas que são feitas. As dificuldades residem menos na documentação e no olhar do observador que a elaborou do que em alguns pressupostos e preconceitos subjacentes ao olhar contemporâneo que se dirige de uma perspectiva engajada para as mulheres no passado.⁵⁷

Sob essa perspectiva, esta análise tem como foco o modo como os cronistas, viajantes e primeiros historiadores gaúchos apresentaram as mulheres açorianas, a partir do seu olhar e da cultura da sua época, procurando tomar

⁵⁴ Ibid.

⁵⁵ FRANZEN, Mulheres açorianas na formação do Rio Grande do Sul, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, VIII, p. 11-20, 2004. p. 18. Disponível em https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/394/1/Beatriz_Franzen_p11-19.pdf. Acesso em 8 jun. 2019.

⁵⁶ PERROT, op. cit.

⁵⁷ COSTA, Albertina de Oliveira. Protagonistas ou coadjuvantes: Carlota e os estudos feministas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 96, p. 66-70, 1996. p. 67. Disponível em <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/815/1871>. Acesso em 7 out. 2020.

cuidado em não recair na armadilha de criar estereótipos ou preconceitos para substituir os então identificados.

Os primeiros historiadores gaúchos que buscaram delinear a identidade da mulher açoriana tomaram, como referência, os primeiros cronistas dos Açores. Pe. Gaspar Frutuoso⁵⁸ escreve “Saudades da terra”, no período de 1565 a 1591, relatando aspectos históricos e geográficos, costumes e a genealogia daquelas ilhas. Sobre as mulheres de cada uma delas, enfatiza os atributos das que “são bem postas e muito gasalhosas e virtuosas”,⁵⁹ daquelas que “trabalham mais que os homens, porque, além de fazerem os serviços em suas casas, ajudam a seus maridos de fora, assim nas lavouras, como nas aceifas; elogia as que têm em suas casas oratórios, “por serem muito devotas e virtuosas”,⁶⁰ e as que “são generosas e nobres, bem postas e discretas, com uma grave formosura e virtude, que lhe acrescenta sua nobreza”.⁶¹ Destacase sua preocupação em enaltecer a honra, nobreza e virtude dos primeiros moradores e engrandecer as origens da formação do arquipélago. No século seguinte, entre 1646 e 1654, Frei Diogo das Chagas percorre as ilhas e escreve “Espelho cristalino em jardim de várias flores”.⁶² Da mesma forma que Frutuoso, ressalta a nobreza dos moradores das ilhas, atribuindo importância à procedência e às linhagens.

A mesma fórmula dos primeiros cronistas dos Açores, do elogio e adjetivação exagerada, vai ser utilizada por Accurcio Garcia Ramos, no século XIX, ao descrever as ilhas. Tendo em vista que suas descrições posteriormente são utilizadas por historiadores gaúchos, como Fagundes Varela e Borges Fortes, pode-se considerar que a visão dos açorianos por eles apresentada se apoia na imagem construída por Frutuoso e Chagas nos séculos XVI e XVII.

Sobre as mulheres açorianas, Accurcio comenta:

São altas, elegantes e formosas. São variados os typos, variadas beldades, mas sempre typos agradáveis, sempre beldades sympathicas. Aparecem com mais frequencia lindos olhos castanhos, ornando alvos rostos levemente rosados, com que singularmente contrastam os cabellos negros e finos; mas também não é rara a formosa mulher de cabellos louros, olhos azues e collo d'alabastro, junto da viva e seductora morena, cujo olhar fascinador

⁵⁸ FRUTUOSO, op. cit.

⁵⁹ Ibidem, p. 151.

⁶⁰ Ibidem, p. 120.

⁶¹ Ibidem, p. 32.

⁶² CHAGAS, op. cit.

atrahe e captiva. Não abundam tanto, mas não escaceam inteiramente, os rostos pallidos, d'essa pallidez viçosa e encantadora que as damas geralmente ambicionam.⁶³

Ao concentrar-se nas figuras públicas e célebres do Arquipélago, tanto Ramos quanto Frutuoso e Chagas adotam o paradigma tradicional da história, a partir de uma “visão de cima”,⁶⁴ relatando a vida de personalidades famosas e os feitos de grandes homens, heróis ou figuras com o comportamento esperado à sua época.⁶⁵ Esses motivos levam Rute Dias Gregório⁶⁶ a recomendar cautela na utilização dos textos históricos dos primeiros cronistas das ilhas. Entretanto, apesar da “visão de cima”, foram esses relatos que deram base e contribuíram para a formação do imaginário da mulher gaúcha apresentado pelos historiadores do Rio Grande do Sul no começo do século XX.

Santas, belas e virtuosas

Essa foi a fórmula utilizada pelos historiadores gaúchos para se referir às imigrantes açorianas. Alcides Cruz⁶⁷ descreve “mulheres severas nos costumes e no trato, belas, porém recatadas e trabalhadoras.” Destas “santas e virtuosas mulheres”, Borges Fortes⁶⁸ acentua uma “virtude de máxima importância sob o ponto de vista sociológico” na “notável fecundidade das mulheres açorianas”, que enriqueciam seus lares com 15 filhos ou mais. O número de filhos é também o aspecto escolhido por Alfredo Varela^{69,70} para enaltecer as açorianas como o “exemplar feminino”, que vai dar origem à “Eva continentista”, companheira do “Adão do paraíso brasileiro”.

A descrição de João Cezimbra Jacques⁷¹ reúne o pensamento tradicional da época, apontando a origem das qualidades da mulher sul-rio-grandense:

⁶³ RAMOS, op. cit.

⁶⁴ BURKE, op. cit. p. 12.

⁶⁵ LEVI, op. cit.

⁶⁶ GREGÓRIO, Rute Dias. Configurações de uma pequena nobreza e do seu património, Açores, séculos XV e XVI. In: *Conferências e Debates Império Português de Antigo Regime: Características Estruturantes e Papel da Pequena Nobreza*, Lisboa, 2010. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.3/1084>. Acesso em 20 out. 2011.

⁶⁷ CRUZ, op. cit. p. 38.

⁶⁸ FORTES, op. cit. p. 21.

⁶⁹ VARELA, op. cit, 1915. p. 84.

⁷⁰ Idem, 1933. p. 103-4.

⁷¹ JACQUES, op. cit., 1912.

E esse mesmo cruzamento de açorianos, paulistas, espanhóis e indígenas, e esse contato dos dois povos, sul-rio-grandense e platino, deram à mulher sul-rio-grandense a beleza e a graça da andaluza, a inteligência da francesa e um coração que encerra os grandes sentimentos de humanidade, a par da doçura e da digna submissão ao homem. Nestas condições, em regra, ela tem se tornado, felizmente, surda às doutrinas anárquicas que pretendem arredar a mulher do digno papel de esposa, mãe e irmã ou, em uma palavra, de formar cidadãos e mantém-se firme no lar doméstico, para felicidade da nossa terra, na posição de fiel e sublime anjo da guarda do filho e de inspiração do marido e do irmão.⁷²

Na base dessas descrições, encontra-se a construção e a proposta de uma mulher imaginária: santa, bela, pálida, virtuosa, recatada, trabalhadora, de notável fecundidade e digna submissão. Desse modo, ao proclamar a saga dos pioneiros açorianos, suas lutas e conquistas, centrando-se no aspecto épico da saga migratória, tais relatos levaram a que, tanto o papel das mulheres quanto dos outros grupos envolvidos na formação do sul do país, acabasse sendo ignorado, obscurecido ou idealizado.

Segundo Silva,⁷³ “cada época produz, entre tantos imaginários, um espírito do tempo.” Por meio do imaginário, os indivíduos estabelecem vínculo, explicam o “eu”, encontram reconhecimento nos outros e se reconhecem a si mesmos. Le Goff⁷⁴ destaca que cada época fabrica uma representação para seu passado histórico. Conforme a sociedade vai avançando, o modo como o passado é apresentado sofre mudanças, que ocasionam em sua contínua construção e reinterpretação. Assim, cumpre considerar a época em que esses textos foram escritos.

Ao ter como base a imagem da mulher apresentada por Accurcio Ramos, por sua vez apoiada nos relatos de Frutuoso e Chagas, datados dos séculos XVI e XVII, as descrições elaboradas por esses historiadores gaúchos imobilizam a figura feminina num imaginário distante da realidade concreta. Restritiva, patriarcal e machista, mais do que contar o passado, essa abordagem revela pensamentos, normas e costumes da época em que foram escritos. Ao construir um imaginário mítico do gaúcho, a partir de sua posição de poder masculino, como militares, políticos e homens ilustres, fabricam sua própria

⁷² Ibidem, p.47.

⁷³ SILVA, op. cit., p. 94.

⁷⁴ LE GOFF, Jacques. *Pensar la historia: modernidad, presente, progreso*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1991.

origem nobre, suprimindo ou idealizando o papel das mulheres na formação do sul do país.

Grosseiras, sem atrativos e a uma infinita distância das europeias

Segundo Franzen,⁷⁵ além dos relatos vindo dos Açores, outra fonte disponível são os viajantes que estiveram no Rio Grande do Sul no período colonial. Francisco Ferreira de Souza, em sua “Descrição à Viagem do Rio Grande”, de 1777, destaca os modos e vestimentas femininos, descrevendo mulheres muito grosseiras, que só sabem falar de éguas, potrancas, cavalos, laço, bois e bolas e que tratam os filhos também com grosseria: “Como a maior parte dos habitadores deste continente são insulanos ou ilhéus, os termos, os costumes, os vestuários são grosseiros, e pela mesma ordem de grossaria criam seus filhos”.⁷⁶

As mulheres são muito grosseiras [...] os corpos são mui mal feitos [...] tem os pés disformes e grandes, os dedos mal compostos, suposto que os das mãos são também grosseiros e as unhas muito sujas. Tanto os homens, como as mulheres, têm grande paixão pelo tabaco, como igualmente por uma erva chamada mate, da qual usam dela grosseiramente pisada em um porongo, ou cuia com esta bebida por almoço além de mais que dela usam em todo o dia.⁷⁷

Sobre a vestimenta feminina, Souza relata: “Primeiro vestuário com que as mulheres vão ao templo são mantéu e saia [...] As saias são de baeta e por sapatos (calçam) tamancos [...] trazem as camisas mui sujas e de ordinário de estopa posto que poucas de linho grosso”.⁷⁸ O autor ainda justifica seu trabalho, alegando: “esta notícia que relato não é com a intenção de satirizar costumes menos polidos de sua gente grosseira, que não tem obrigação de ser civilizada. E sim querer dar uma exata notícia, como também temos de outros países incultos”.⁷⁹ Aos ilhéus grosseiros, o viajante compara os “europeus civilizados” que habitavam a região: “Os naturais descendentes dos europeus são civilizados, atentos e briosos, as mulheres são compostas e honestas, trajam à

⁷⁵ FRANZEN, op. cit., 2004.

⁷⁶ SOUZA, op. cit. p. 116-117.

⁷⁷ Ibidem, p. 117.

⁷⁸ Ibidem.

⁷⁹ Ibidem., p. 116.

maneira das cidades polidas, são claras, com cabelos louros, faces rubicundas, bem falantes e asseadas”.⁸⁰

Auguste Saint-Hilaire, ao relatar, em 1821, sua viagem ao Rio Grande do Sul, apresenta algumas descrições sobre as características físicas das mulheres, seu vestuário, costumes e relações sociais, estabelecendo comparações entre as mulheres de diversas regiões visitadas e em relação às europeias. Saint Hilaire⁸¹ descreve diversos tipos de mulheres que encontra em sua viagem e, em seus relatos, fica evidente sua visão europeia que vai avaliando os moradores dos lugares onde passa: em alguns lugares, descreve “gente muito boa, todos brancos”; um “compatriota, que me parece bem ilustrado”; “pretos escravos”; “pouquíssimos mulatos”; e “os demais são índios”, “miseros índios”.

Sobre os “índios” prisioneiros que encontra em Torres, descreve “mulheres, muito feias e ainda mais desavergonhadas”.⁸² Em Porto Alegre, surpreende-se com mulheres vestidas com simplicidade e decência, que conversavam sem constrangimento com os homens; dançam, cantam e tocam com maestria o violão e o piano.⁸³

Estabelecer pontos de comparação é frequente em todo o texto, neste caso entre as mulheres do Rio Grande do Sul e as europeias: “havia algumas bonitas; na maior parte eram muito brancas, de cabelos castanhos escuros e olhos negros; algumas graciosas, mas sem aquela vivacidade que caracteriza as francesas”;⁸⁴ ou ainda entre as mulheres de Porto Alegre, “muito claras, coradas e várias delas muito bonitas, não se furtam a conversar com os homens, possuindo maneiras delicadas e um tom distinto”⁸⁵ e as do interior, que “se escondem; não passam de primeiras escravas da casa, e os homens não têm a mínima ideia dos prazeres que se podem usufruir com decência”.⁸⁶

Sobre os açorianos, também comparações: “Os habitantes desta capitania são originários dos Açores, tal como os de Santa Catarina; entretanto, uns e outros poucos se assemelham, pois os primeiros são grandes; os outros, pequenos; aqueles, geralmente, são corpulentos; estes, magros. Os catarinenses

⁸⁰ Ibid.

⁸¹ SAINT HILAIRE, op. cit.

⁸² Ibidem, p. 35.

⁸³ Ibidem, p. 64; p. 72.

⁸⁴ Ibidem, p. 64.

⁸⁵ Ibidem, p. 72.

⁸⁶ Ibidem, p. 64.

têm a cútis amarelada, os rio-grandenses são muito brancos, corados e muito mais desembaraçados”.⁸⁷

Em Rio Grande, descreve mulheres que “possuem olhos e cabelos negros, bela tez e boa cor mas, em geral, sem graça, sem atrativos, dados pela educação social que as mulheres desta região não recebem”.⁸⁸

Em todas as partes do Brasil que tenho percorrido até aqui, não há escolas nem pensionatos para as moças, criadas no meio dos escravos; desde a mais tenra idade, têm elas diante de si o exemplo de todos os vícios, adquirindo, via de regra, o hábito do orgulho e da baixeza. Uma infinidade delas não sabe ler nem escrever: aprendem algumas costuras, a recitar orações que elas próprias não entendem, e é tudo; por isso as brasileiras, em geral, ignoram os encantos da sociedade e prazeres da boa conversação. Entretanto, nesta região, em que as mulheres se ocultam menos do que as das capitânicas do interior, têm elas, é preciso convir, melhores noções de vida; são bem desembaraçadas, conversam um pouco mais, porém, ainda estão a uma infinita distância das mulheres europeias.⁸⁹

Ainda sobre as mulheres de Rio Grande, descrições da aparência física e novas comparações: “O sangue dessas pessoas é geralmente muito bom; os homens são de belo porte e de agradável aparência. As mulheres têm lindos olhos, são quase sempre bonitas, mas de traços pouco delicados e de maneiras pouco graciosas; no entanto, repito, são infinitamente superiores às das capitânicas centrais”.⁹⁰

São, na maioria, de pele branca, coradas, olhos e cabelos negros; algumas bonitas, mas todas sem atrativos; portam-se mal, e são para com os homens muito desembaraçadas, ou excessivamente tímidas. Em geral, porém, parecem ter presença de espírito e, à vista da pouca educação que recebem, é de se admirar que conversem tão bem. Quanto aos homens, são poucos solícitos junto às senhoras, falam-lhes raramente e não mostram o menor desejo de lhes ser agradáveis.⁹¹

⁸⁷ Ibidem, p. 67.

⁸⁸ Ibidem, p. 95.

⁸⁹ Ibidem.

⁹⁰ Ibidem, p. 107.

⁹¹ Ibidem, p. 125.

No Chuí, destaca: “senhoras, cercadas das mais lindas crianças do mundo, trabalhavam com agulhas, agachadas sobre um estrado, elevado do chão cerca de um pé, e sobre o qual estavam estendidas peles de carneiro”.⁹² Sobre a tecelagem realizada no local, descreve tecidos de linho muito fortes, outros de linho e algodão, sendo os de lã mais grosseiros e “destinados às roupas dos negros”. “Quase todos os habitantes desta região são provenientes das ilhas dos Açores e seus antepassados trouxeram de lá esse gênero de indústria”.⁹³

Paramos em uma estância situada do outro lado do arroio, pertencente ao cunhado do Sr. Delmont. A dona da casa convidou-me a ceiar e, pela primeira vez depois que estou nesta capitania, vi rezar após a refeição, e as crianças pedirem a bênção à sua mãe. Do Rio Grande até aqui esta casa e a de Silvério são as únicas em que há pequenos oratórios, encontrados por toda a parte da Capitania de Minas.⁹⁴

Em seu relato, ainda sobre as mulheres, afirma: “Todas as senhoras que conheci desde o Rio Grande têm falado comigo, dispensando-me gentilezas, daí haver compreendido que em geral têm melhor bom senso, talvez mais que seus maridos”.⁹⁵ Segundo Joana Maria Pedro,⁹⁶ as mulheres do Sul do Brasil normalmente eram vistas pelos viajantes e cronistas como mais sociáveis que as mulheres de outros estados do país, provavelmente em função da composição étnica das mulheres descritas; das suas características culturais e, também, dos preconceitos sociais e raciais dos próprios viajantes. A autora afirma que

Muitas vezes, ao falarem das mulheres brasileiras, os viajantes referiam-se exclusivamente as brancas de família abastada. Alguns ignoravam a existência de filhas de imigrantes pobres, de mulatas e negras livres, enquanto outras sequer as classificavam como mulheres, pois nem sempre eram capazes de levar em conta as contradições da vida paralela das diferentes camadas sociais.⁹⁷

⁹² *Ibidem*, p. 147.

⁹³ *Ibidem*, p. 156.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 148.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 154.

⁹⁶ PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary Del (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/UNESP, 2004.

⁹⁷ *Ibid.* p. 233.

Apesar dessa visão distorcida e comparativa, “de cima”, que descreve as mulheres da região a uma infinita distância das mulheres europeias, três aspectos podem ser identificados nos relatos de Saint Hilaire: as mulheres não recebiam educação, eram dominadas e utilizadas para o prazer masculino e tinham mais bom senso do que os homens.

O imaginário da mulher gaúcha

Essas primeiras representações vão dar base à construção do imaginário da mulher gaúcha, muitas vezes apresentada como heroína de numerosas virtudes e fortaleza diante das adversidades desses primeiros tempos de povoação do território. Para o romancista Érico Veríssimo,⁹⁸ as mulheres gaúchas, “raramente despiam o luto”, pois viviam em áreas em constantes conflitos. Oliven⁹⁹ diz que são essas mulheres, na condição de órfãs, viúvas e mães que perderam seus filhos, que assumem a responsabilidade de sustentar as famílias. “Elas criam (dão à luz), ao passo que os homens destroem (matam)”.¹⁰⁰

Estas representações caracterizam o imaginário popular do Sul do Brasil e, segundo Marilene da Cunha Ribeiro,¹⁰¹ são encontradas principalmente em áreas fronteiriças, nas quais o culto às tradições locais, “em função da histórica guarda de áreas limítrofes, contrabandos e demarcações de fronteiras”, são relevantes na criação desta imagem idealizada da mulher que ainda hoje pode possibilitar uma vinculação identitária.

Estas ideias de Ribeiro vêm ao encontro do que Pesavento¹⁰² apresenta a respeito da temática da mulher na história. Segundo a autora, este tema pode ser abordado de duas maneiras: a mulher produzida pela representação masculina e a “mulher real”, proveniente de condições concretas e objetivas. Entretanto, os personagens reais não se opõem aos imaginados socialmente, “mas com eles estabelecem uma relação de aproximação e distanciamento, influenciados que são por padrões de condutas e valores”.

⁹⁸ Apud OLIVEN, Rubem George. O processo de construção da identidade gaúcha. In: FELIX, Loiva Otero (org). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPF, 2002.

⁹⁹ Ibidem, p. 165.

¹⁰⁰ Ibidem.

¹⁰¹ RIBEIRO, Marilene da Cunha. *A construção do imaginário da mulher brasileira na fronteira oeste do Rio Grande do Sul: o que revelam os jornais do período de 1890 a 1910*. 2008. 137 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil. Disponível em <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3998/1/000400338-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acesso em 10 out. 2020.

¹⁰² PESAVENTO, op. cit. 1991. p. 2.

Outra marca importante e diversas vezes reiterada na construção do imaginário sobre a mulher gaúcha são seus fortes traços de virtude, entretanto,

[...] dizer que são originárias da mulher que vivia no campo, fazendo com que as da cidade apenas tomarem delas de empréstimo tais qualificativos de valentia, companheirismo e tantos outros valorizados pela historiografia tradicional gaúcha expressa em verso e prosa, significa limitar as fontes de originalidade da constituição do imaginário sobre o feminino na fronteira.¹⁰³

Para Ribeiro,¹⁰⁴ não se pode esquecer que a mulher urbana teve grande contribuição para a constituição deste imaginário, “não se limitando apenas a ‘herdar’ tais representações do feminino vivido no campo e eufemizado em adaptações para a sua manifestação na cidade”.

[...] a mulher apresentada historicamente pelas representações da historiografia tradicional, e que é cantada em prosa e verso, não pode ser entendida como o protótipo da mulher gaúcha de fronteira. Também outras possibilidades de viver o feminino na região da fronteira possibilitaram o surgimento de representações que ainda hoje fazem parte desse imaginário.¹⁰⁵

“Quem planta imagens, colhe imaginários”.¹⁰⁶ A partir das descrições dos cronistas, viajantes e primeiros historiadores gaúchos aqui apresentados, duas visões estereotipadas se destacam: de um lado, o olhar dos viajantes europeus, comparativo e preconceituoso, e, de outro lado, o olhar de exaltação dos primeiros historiadores gaúchos, preocupados em elaborar um mito de origem. Embora distintas, as duas narrativas apresentam a mulher açoriana como sinônimo da mulher gaúcha a partir de seus atributos físicos, trabalho e submissão ao homem.

Estas diversas camadas narrativas, reutilizadas e reinterpretadas, dos primeiros cronistas dos Açores e dos viajantes europeus pelas terras gaúchas, além do modo como os primeiros historiadores reuniram essas narrativas, dando-lhes forma e apontando sentidos, falam mais sobre suas perspectivas e discursos a respeito do mundo do que sobre as próprias mulheres do passado. Observando tais relatos, pode-se perceber que essa imagem restritiva, distorcida, patriarcal e machista, ainda hoje pode ser encontrada na forma como a

¹⁰³ RIBEIRO, op. cit. p. 128.

¹⁰⁴ Ibidem., p. 129.

¹⁰⁵ Ibidem., p. 130.

¹⁰⁶ SILVA, op. cit. p. 101.

mulher gaúcha é representada: como a mulher valente e *buena* companheira, que repara a casa e enfeita a cama.¹⁰⁷

Ao final desta análise, cabe repensar, a partir de Jenkins,¹⁰⁸ a produção de conhecimento histórico como um olhar entre vários outros possíveis: “mude o olhar, desloque a perspectiva e surgirão novas interpretações”. Formulada como narrativa, a produção de conhecimento histórico passa a ser um discurso em constante transformação, em que cabe questionar “verdades sedimentadas”.¹⁰⁹ Assim, após descrever o modo como a mulher açoriana foi representada, fica evidenciada a necessidade de reunir fragmentos do passado que libertem a figura da mulher sul rio-grandense desse modelo imaginário.

Considerações Finais

Santas, belas, virtuosas, recatadas, trabalhadoras e de notável fecundidade e digna submissão. Restritiva, distorcida, patriarcal e machista: essa abordagem relata a mulher açoriana coletivamente, de uma perspectiva tradicional, biográfica, que privilegiou contar a história dos grandes feitos e homens ilustres, ignorando os indivíduos comuns e suprimindo ou idealizando o papel das mulheres e outros grupos na formação do sul do país.

Destaca-se a originalidade deste artigo em relação às representações das mulheres açorianas e a criação de um imaginário da mulher gaúcha, com a identificação de que essa construção imaginal, produzida pelos historiadores sul-riograndenses do início do século XX, apoiada nos relatos dos primeiros cronistas dos Açores, como Frutuoso e Chagas, datados dos séculos XVI e XVII, promoveu uma construção da figura feminina em séculos recuados, distanciando-se da realidade concreta.

Conclui-se que os autores apresentados oferecem uma visão restrita, parcial e desfocada sobre a presença das mulheres açorianas no processo de imigração do Rio Grande do Sul. Tais relatos, escritos por homens de seu lugar de poder, apresentando a visão e costumes de sua época, descrevem a participação feminina a partir de padrões estéticos e de comportamento que reforçam uma sociedade machista.

¹⁰⁷ Trecho da música *Campequina*, de Mario Barbará e Sérgio Napp, apresentada em 1982, no festival 12ª Califórnia da Canção Nativa.

¹⁰⁸ JENKINS, op. cit. p. 23.

¹⁰⁹ PEDRO, op. cit., 92.

Ao centrar-se no aspecto épico da saga migratória, o papel da mulher açoriana foi obscurecido ou idealizado, produzindo uma descrição generalista e estereotipada, que imobilizou a figura da mulher sul rio-grandense em um modelo imaginário: a mulher gaúcha. Assim, ao pesquisar sobre a história das mulheres no Rio Grande do Sul, cumpre que se amplie o olhar, evitando as narrativas românticas, preconceituosas ou restritivas, que colocam as açorianas como modelo único e exemplar da mulher gaúcha.

Referências

ALMEIDA, Eduardo de Castro e (org). Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar de Lisboa. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, 1928. Volume L. Rio de Janeiro: Bibliotheca Nacional, 1936. Disponível em http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1928_00050.pdf. Acesso em 21 de junho de 2019.

ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. *Textos do Século XVIII para o Estudo da Ocupação Lusitana no Brasil Meridional*. Lisboa / Rio Grande, CLEPUL / Biblioteca Rio-Grandense, 2016. Disponível em http://www.lusosofia.net/textos/20161023francico_das_neves_luiz_henrique_torres_2016.pdf

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia das letras, 1992.

BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CHAGAS, Frei Diogo das. *Espelho Cristalino em Jardim de várias flores*. Ponta Delgada: Sec. da Educação e Cultura, 1989. Disponível em < <http://arquivodigital.uac.pt/yii/arquivodigital/index.php?r=site/page&view=aa3&id=1&c=E2&f=1&i=1> >

COSTA, Albertina de Oliveira. Protagonistas ou coadjuvantes: Carlota e os estudos feministas. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n.96, p.66-70, fev. 1996. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/815/1871> Acesso em 07/10/2020

CRUZ, Alcides. *Vida de Raphael Pinto Bandeira: ligeiras notas esparsas para a biographia do heróe continentino*. Porto Alegre: Livraria Americana, 1906.

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

FLORES, Moacyr. *República Rio-Grandense: realidade e utopia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FORTES, João Borges. *Casaes*. Rio de Janeiro: Edição do Centenário Farroupilha, 1932.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. Açorianos no Rio Grande do Sul: a identidade açoriana nas obras de cronistas, viajantes e historiadores sul-riograndenses. *Arquipélago*, História, 2ª s, vol. 7. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2003. p. 123-142. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.3/385>. Acesso em 8 de junho de 2019.

____. Mulheres açorianas na formação do Rio Grande do Sul. História insular e atlântica. *Arquipélago*. História, 2ª série, VIII. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2004. p. 11-20. Disponível em https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/394/1/Beatriz_Franzen_p11-19.pdf. Acesso em 8 de junho de 2019.

____. *A presença da mulher luso-açoriana na nascente sociedade sul-rio-grandense*. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 25 de novembro de 2008. Disponível em: < <http://ihgrgs.org.br/artigos/membros/Beatriz%20Franzen%20-%20A%20Presença%20da%20Mulher%20Luso-Açoriana.pdf> >. Acesso em: Acesso em 8 de junho de 2019.

FRUTUOSO, Gaspar. *Saudades da terra*. Livro VI. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta, 1998.

GREGÓRIO, Rute Dias. *Configurações de uma pequena nobreza e do seu património, Açores, séculos XV e XVI*. Conferência apresentada em “Conferências e Debates Império Português de Antigo Regime: Características Estruturantes e Papel da Pequena Nobreza”. Lisboa, 27 de maio de 2010. Disponível em < <http://hdl.handle.net/10400.3/1084> >. Acesso em 20 out 2011.

JACQUES, João Cezimbra. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia, 1912.

JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2005.

LE GOFF, Jacques. *Pensar la historia: modernidad, presente, progreso*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1991.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. (entrevista a Juremir Machado da Silva). In: *Revista Famescos, mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre: 2001, Edipucrs, nº 15, p. 75-81.

____. Por uma política da transfiguração. (entrevista a Juremir Machado da Silva). In: *Revista Famescos, mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre: 1999, Edipucrs, nº 10, p. 17-23.

OLIVEN, Rubem George. O processo de construção da identidade gaúcha. In: FELIX, Loiva Otero (org). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPF, 2002.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: *PRIORE, Mary Del (org). História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/UNESP, 2004.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo, Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

____. Crônica: fronteiras da narrativa histórica. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 8, n.10, p. 61-80, 2004. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/0B1tQ2XAFclGdOH14T0RzUHJzdTA/view> Acesso em 8 de julho de 2020.

____. Em busca de uma outra história: Imaginando o Imaginário. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Contexto/ANPUH, vol. 15, nº 29, 1995, p 9-27.

____. Mulheres e História: A inserção da mulher no contexto cultural de uma região fronteiriça (Rio Grande do Sul, Brasil). *Revista Travessia*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, n. 23, 1991, p. 54-72. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17101/15647> Acesso em 7 de outubro de 2020.

QUEIROZ, Maria Luiza Bertulini. *Paróquia de São Pedro do Rio Grande; estudo de história demográfica*. Curitiba, 1992. 416 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27164/T%20%20QUEIROZ,%20MARIA%20LUIZA%20BERTULINI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 19 dez. 2018.

RAMOS, Accurcio Garcia. *Notícia do Archipelago dos Açores e do que ha mais importante na sua historia natural*. Lisboa: Typographia universal, 1871. Disponível em <https://play.google.com/books/reader?id=gutcAAAACAAJ&pg=GBS.PP1>. Acesso em 15 de agosto de 2019.

REGIMENTO que se há-de observar no transporte dos Casais das Ilhas da Madeira e dos Açores para o Brasil. 5 de Agosto de 1747. In: SOUSA, José Roberto Monteiro

de Campos Coelho e (org.). *Systema, ou collecção dos regimentos reaes, contém os regimentos pertencentes à administração da Fazenda Real*. Volume 5. Lisboa: Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1789. p. 670-673. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4030>. Acesso em 21 de junho de 2019.

RIBEIRO, Marilene da Cunha. *A construção do imaginário da mulher brasileira na fronteira oeste do Rio Grande do Sul: o que revelam os jornais do período de 1890 a 1910*. 2008. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em História). Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil. Disponível em <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3998/1/000400338-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

SAINT HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

SILVA, Juremir Machado da. *As Tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SOUSA, José Roberto Monteiro de Campos Coelho e (org.). *Systema, ou collecção dos regimentos reaes, contém os regimentos pertencentes à administração da Fazenda Real*. Volume 5. Lisboa: Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1789. p. 670-673. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4030>. Acesso em 21 de junho de 2019.

SOUZA, Francisco Ferreira. Descrição à viagem do Rio Grande. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. *Textos do Século XVIII para o Estudo da Ocupação Lusitana no Brasil Meridional*. Lisboa / Rio Grande, CLEPUL / Biblioteca Rio-Grandense, 2016. Disponível em http://www.lusosofia.net/textos/20161023-francico_das_neves_luiz_henrique_torres_2016.pdf

VARELA, Alfredo. *História da grande revolução: o cyclo farroupilha no Brasil*. Vol. 1. Porto Alegre: Globo, 1933.

_____. *Revoluções cisplatinas: a república riograndense*, Volume 2, Parte 1. Chardron, 1915.

VILHENA, Maria da Conceição. A viagem do emigrante açoriano para o Brasil em meados do século XVIII. in: PIAZZA, Walter F. (org.). *Anais da 2ª. Semana de Estudos Açorianos*. 10 a 14 de agosto de 1987. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.

WEBER, Max. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1979.

Artigo recebido para publicação em 23/09/2021
Artigo aprovado para publicação em 21/02/2022